

A SANGUE FRIO

COMPLETADOS NESTE MÊS, OS CEM ANOS DA PRIMEIRA GRANDE GUERRA EVIDENCIAM, ALÉM DO INTERESSE HISTÓRICO, A ATRAÇÃO DO SER HUMANO PELO HORROR

P O R M A U R I C I O D U A R T E



No dia 28 de junho de 1914, Gavrilo Princip, um rapaz de 19 anos, puxou o gatilho de sua pistola para assassinar o arquiduque Francisco Ferdinando, herdeiro do trono do Império Austro-Húngaro. A consequência disso não foi apenas a morte do nobre, cujos detalhes de sua

história são ampliados no recente livro *O assassinato do arquiduque*, mas a perda de 9 milhões de vidas e o mundo mergulhado em sua Primeira Grande Guerra, que durou até 1918. As nações precipitaram-se em um combate sem precedentes na história: de um lado havia a Tríplice Aliança, formada por Itália, Império Austro-Húngaro e Alemanha (a Itália mudou de lado em 1915); do outro, a Tríplice Entente, formada por França, Rússia e Reino Unido (outros países aderiram depois).

A Primeira Guerra Mundial, embora tenha sido eclipsada pela Segunda em termos de barbárie, não deixou a desejar nesse quesito. Com ela, foi inaugurado o terror das armas químicas, as primeiras de destruição em massa. Os franceses começaram em 1914 com o gás lacrimogênio. No ano seguinte, ambos os lados passaram a usar versões letais. Até o fim da guerra, 88 mil soldados padeceriam, e mais de um milhão seriam atingidos, às vezes, com sequelas para o resto da vida.

Agora, com a efeméride dos cem anos, uma profusão de estudos históricos surge sobre o período, a exemplo do que foi feito à exaustão com o conflito iniciado anos depois, sob o comando de Adolf Hitler.



Nesta e na outra página, cenas desconcertantes da Grande Guerra que impactou o mundo e completa cem anos

Desde publicações de acadêmicos respeitados até panfletos nada profundos em bancas de jornal, esses itens são consumidos com voracidade pelo público. Mais do que interesse histórico, isso reflete uma atração inata que o ser humano sente pelo horror.

Em nosso cotidiano, já estamos atolados até o pescoço por acontecimentos cruéis que causam sofrimento. No entanto, vivemos refazendo e revisitando esses eventos nas mais diversas formas: no cinema, na música, na literatura e até no turismo, ao visitar locais de massacres, por exemplo. “Há um sadismo humano e um fascínio pelo sofrimento. Às vezes erótico, outras vezes metafísico”, opina o filósofo Luiz Felipe Pondé.

Professora de sociologia na Fundação Getúlio Vargas (FGV) e doutora pela Universidade de São Paulo (USP), a autora do livro *Rituais de sofrimento*, Silvia Viana diz que a questão a ser feita não é o que nos atrai, mas o que nos leva a crer que tal atração é constitutiva do ser humano. “O fato de sempre imputarmos aos outros a atração pelo sofrimento alheio já é indício de que essa afirmação, tida hoje como fato inelutável, deve ser questionada. Podemos facilmente contrapor esse pressuposto pétreo à repulsa que, em tantos, e em nós mesmos, tais situações são capazes de gerar”, diz.

“Não é fácil, aliás, muito pelo contrário, é angustian-te assistirmos passivamente à agonia: ela respinga sua própria substância ao redor. À exceção dos psicopatas – cuja incapacidade de refletir sofrimento é mesmo excepcional –, a indiferença diante do horror não é algo natural e sim o resultado de uma construção social”,

explica Silvia. “Há uma lógica social que calibra os campos da indiferença e do intolerável. Apesar de se tornar mais explícita em momentos de viravolta insurgente, ela permanece despercebida por ser segunda natureza. É dessa perspectiva que devemos abordar as infundáveis provas e contraprovas desse nosso suposto fascínio pelo horror: que lógica o materializa?”, complementa.

A percepção de proximidade com o horror, apesar de estarmos presenciando isso com a “pele” de outro, tem a ver com a consciência que possuímos de não estarmos livres dele. É uma espécie de experiência terceirizada. “Poderíamos começar considerando que essa atração tem relação com a percepção de aspectos que, embora estejam atingindo outras pessoas, apontam para eventos que poderiam atingir qualquer um. Ou seja, a vulnerabilidade de cada um estaria sendo evidenciada e isso provocaria o interesse”, diz Maria da Graça Marchina Gonçalves, doutora em Psicologia Social e coordenadora do Curso de Psicologia da PUC/SP. “Na mesma linha, poderíamos dizer que pode ocorrer um interesse no sentido de o indivíduo se colocar no lugar do outro, percebendo e compreendendo, de alguma forma, o horror ou o sofrimento vivido, embora isso possa se dar em direções diferentes, ou seja, considerando que o outro merece ou não merece o que aconteceu”, completa ela.

É a mesma opinião de Simone Domingues, coordenadora do Curso de Psicologia da Universidade Cruzeiro do Sul. “A atração por essas situações, muitas vezes se dá pela identificação. O ser humano bus-



No topo, as três fotos pelo olhar do mexicano Enrique Metinides; abaixo e à direita, instantes capturados pelo norte-americano Weegee

CLIQUE DE BELEZA E TRAGÉDIA

O fotógrafo mexicano Enrique Metinides, 80, é, certamente, um dos que mais andou sobre a linha tênue que separa e aproxima o fascínio pelo horror da arte. Conhecido internacionalmente, ele se dedicou a capturar com sua câmera infindáveis desastres pelas ruas da Cidade do México, retratando o caos cotidiano de uma megalópole. Boa parte de seu trabalho foi publicado em jornais popularescos, como o *La Prensa* e o *Alarma!* – compilados posteriormente em exposições e livros, como o *101 tragédias de Enrique Metinides*. Mas o que difere Metinides de outro fotojornalista é, justamente, a obsessão e o inegável talento do mexicano em revelar uma beleza estética e perturbadora por detrás de uma cena trágica.

Na opinião de alguns críticos, o trabalho dele encontra relação com aquele desenvolvido nas primeiras décadas do século 20 pelo norte-americano Weegee, pseudônimo de Arthur Fellig (1899-1968). Embora tenha feito marcantes fotos do mundo do cinema, o artista teve uma importante trajetória nos anos 1930 e 1940, quando, como fotojornalista, acompanhou o serviço de emergências de Nova York, documentando um lado mais trágico da cidade, com seus crimes e mortes. Parte deste material está no livro *Weegee's New York – Photographs 1935-1960*. (Gustavo Ranieri)



FOTOS: REPRODUÇÃO



ca, nessas ocasiões, saber como o protagonista conseguiu resolver o conflito, como ele conseguiu sair da situação difícil que, muitas vezes, é quase impossível de ser solucionada. Ver os mecanismos utilizados, tanto pelos que sofrem como pelos que agridem, permite àquele que vê saber como o outro experimenta aquele momento”, explica.

Ela lembra ainda quais consequências e que gatilhos esse tipo de situação chega a provocar no ser humano. “Podemos pensar que esses acontecimentos desencadeiam uma mistura de medo e de prazer. O medo leva à defesa, saber como proceder, quais sentimentos causam esses tipos de situações, até onde conseguimos suportar e como conseguimos superá-lo. O prazer pode estar associado ao domínio, à submissão e ao controle do outro. Tanto em um como no outro, o que está em jogo, a meu ver, é o que repercute nas pessoas, podendo gerar um comportamento de isolamento, medo de sair de casa, desconfiança de tudo e todos ou um comportamento de poder, domínio, comando”, diz.

O escritor Santiago Nazarian, autor de *Biofobia*, entre outros, usa em seus romances o registro de repulsa e atração, justamente por meio do horror. De acordo com ele, isso é uma condição humana. “Expor as perversidades é uma maneira de entendê-las, discutir sobre elas, é mais importante do que negá-las ou fingir que não existem. A visão cor-de-rosa do mundo esconde a verdade da vida”, diz.

“Acho que existem duas formas de se relacionar com as histórias, tanto na ficção quanto na vida. Uma delas é a projeção idealizada, com final feliz, em que tudo dá certo e o leitor ou espectador se vê como os personagens, se realizando ao embarcar nessa fantasia. Já no registro negativo, do terror, do suspense e mesmo nos dramas profundos, o conflito serve como alívio para o público, que por contraste tem sua própria vida valorizada. Tem certo grau de sadismo reverso aí. Não tanto em ver o sofrimento do outro, mas em se reconhecer em segurança”, ressalta o autor.

NA MODERNIDADE

O fascínio que o ser humano sente pelo horror não é um fenômeno novo. Ao longo de sua existência, a humanidade deu mostras de que espetáculos públicos de terror atraem multidões: execuções e sessões abertas de tortura que permearam a história, ou, atualmente, um vídeo de espancamento no YouTube. Isso pode mudar a forma como esse “fetiche macabro” é percebido e o acesso que temos a ele, mas tudo parte de um mesmo ponto pertencente à natureza humana. “A riqueza virtual contemporânea deixa o acesso mais fácil”, opina Pondé.

Simone vai pela mesma linha de pensamento e ainda atenta para o fato de que é possível até mesmo traçar um perfil do grau de violência, horror e barbárie que despertam o interesse de determinados grupos ou sociedades. De acordo com a professora, essa é a principal mudança no modo



FOTOS: REPRODUÇÃO

Silvia conseguiu identificar um comportamento de atração pelo horror profundamente característico de nosso tempo: nos reality shows, que promovem as mais variadas formas de espetáculo público de sofrimento alheio, seus participantes são submetidos a provas muitas vezes humilhantes. Tudo com a participação massiva do telespectador. “A questão a ser posta é: até que ponto os programas são socialmente sentidos como tal. Não que a brutalidade não esteja explícita. Pelo contrário, ela é propalada pela própria propaganda, que nos promete embates violentos a cada temporada, que sublinha o sofrimento dos participantes a cada rodada, que enaltece o sangue frio dos vencedores etc. Contudo, a paixão pelo horror não passa disso: propaganda de um produto cujo consumo não pode ser tido como atestado de fascinação. Pelo contrário, os programas são tão descartáveis quanto seus participantes, e a compulsão febril acaba assim que é encenado o último paredão.”

como percebemos essas questões na modernidade. “O que noto é que temos mais acessos a esses tipos de situações devido aos meios de comunicação, o que faz pensar que atualmente o fascínio é maior. O grau de violência e crueldade agora pode ser acessado o tempo todo e temos hoje a medida de quantas pessoas acessam esse tipo de situação. Ter esse conhecimento causa um incômodo, de saber como o ser humano é atraído pelo sofrimento alheio. Porque, na maioria das vezes, trata-se só de ter acesso a ele, e não de fazer algo de fato para mudá-lo”, explica ela.

De acordo com Maria da Graça, as situações de horror e as que causam sofrimento não são naturais e universais. Ao contrário, são datadas e se referem a um contexto histórico específico. Portanto, é preciso levar em conta valores, concepções e posições que são referências para a identificação de situações que fogem do “normal” em um determinado cenário e o que o interesse por elas estaria revelando sobre os indivíduos e os grupos sociais envolvidos. “Por exemplo, em outros tempos históricos, a perseguição à bruxaria justificava horrores cometidos com pessoas que hoje não seriam aceitos. Em algumas sociedades se aceita a pena de morte. Até pouco tempo, com procedimentos questionáveis pelo sofrimento que causam e, em outros contextos, isso não é tolerado. A tortura de presos políticos foi prática corrente durante a ditadura no Brasil, mas ainda é, em muitas delegacias, perpetrada no preso comum. Quais sofrimentos mobilizam quais pessoas? Por quê? Quais valores, concepções e ideais estão presentes quando definimos tais situações?”, questiona.

Ainda segundo a professora, essa análise deve ser feita porque, hoje em dia, notamos claramente que há formas diferentes de perceber e valorizar o sofrimento a depender de quem ele atinge, a qual grupo social a vítima ou o algoz pertencem. “A desigualdade social atravessa também essas situações”, afirma.

O artista norte-americano Thomas Doyle cria, em maquetes na escala 1:43, situações catastróficas em mundos fictícios

